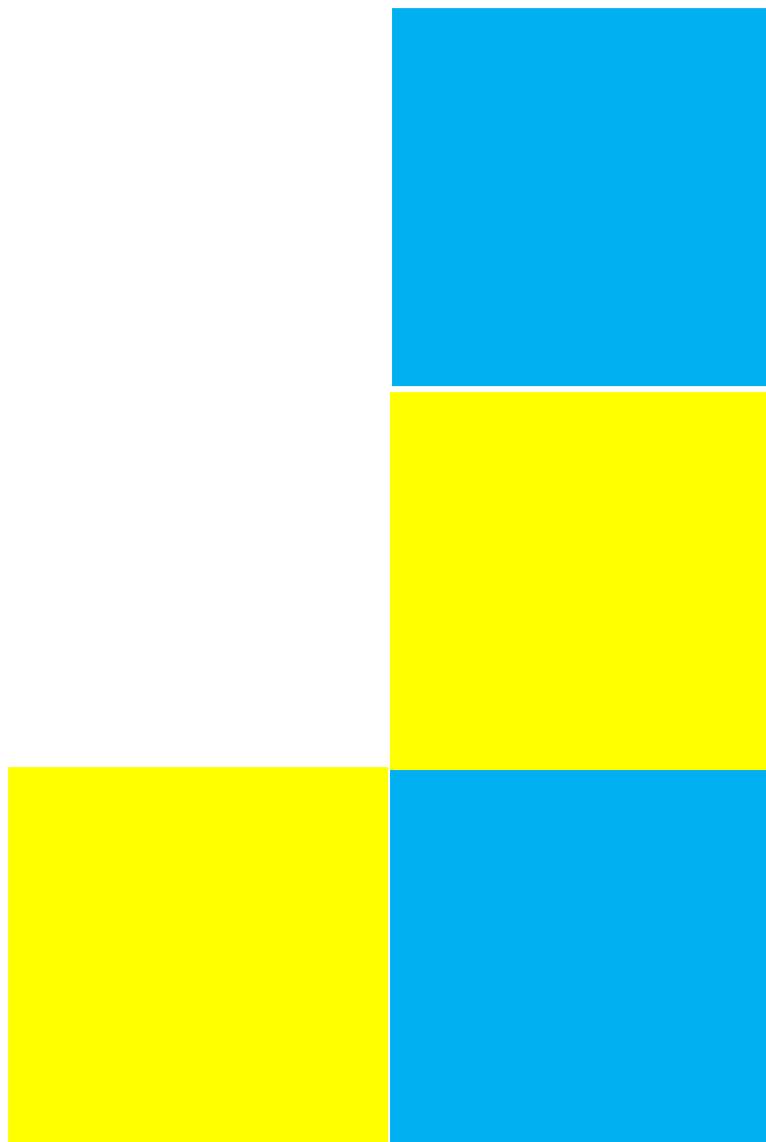


Museu Vivo do São Bento: uma luta pelo direito à memória e ao patrimônio

Sarah Braga

Museóloga. Mestre em Sociologia. Articuladora da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro.



Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar o Museu Vivo do São Bento, o primeiro "museu de percurso" da Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, que se institui a partir de uma luta política por direito à memória e ao patrimônio. Para isso, na primeira parte é apresentada uma breve contextualização e localização do museu. Na segunda parte é feita uma análise da relação que esse museu constrói com o seu território, mais especificamente com o seu patrimônio, através do seu percurso e de seus espaços. Identifico assim como um museu pode impactar um território e atravessar a construção de identidade dos seus moradores.

Palavras-chave: Museu social; Museu Vivo do São Bento; Memória; Patrimônio; Museu de percurso.

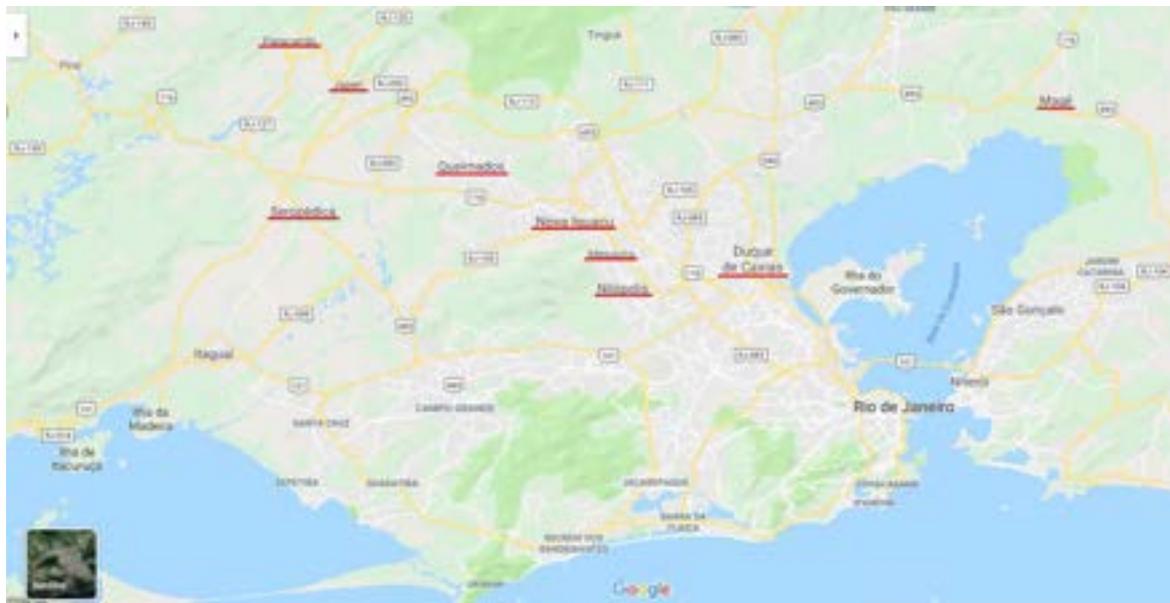
Abstract: This essay aims to present the Museu Vivo do São Bento, the first "route museum" of Baixada Fluminense, in the state of Rio de Janeiro, which is instituted from a political struggle for the right to memory and heritage. For this purpose, the first part presents a brief contextualization and location of the museum. In the second part, it was made an analysis about the relation built between the museum and the territory, more specifically, within its heritage, through its path and its spaces. Thereby identifying how a museum may impact a territory and cross the identity construction of local residents.

Keywords: Social museum; Museu Vivo do São Bento; Memory; Heritage; Route museum.



O Museu Vivo do São Bento

Figura 01 - Mapa com a localização de Duque de Caxias (RJ)



Fonte: Google Maps

O Museu Vivo do São Bento é o primeiro “museu de percurso” da Baixada Fluminense, localizado no bairro do São Bento, na cidade de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro.

Essa é uma região do estado que não é muito reconhecida por sua cultura ou história, apesar de todo o seu patrimônio cultural. Caxias não costuma ser um município procurado pelos seus museus, centros culturais, eventos culturais ou áreas de lazer, especialmente se comparado com a cidade do Rio de Janeiro. O número de museus existentes no município, de acordo com o “Guia dos Museus Brasileiros”, de 2011, é de apenas quatro (Museu Histórico do Duque de Caxias e da Taquara, Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto / Câmara Municipal de Duque de Caxias, Museu Vivo do São Bento e Museu Ciência e Vida), em contraponto com os cento e quinze museus apresentados no guia como pertencentes ao município do Rio de Janeiro.

Figura 02 - Mapa do bairro do São Bento



Fonte: Google Maps

O bairro do São Bento encontra-se mais afastado do centro da cidade de Duque de Caxias, que conta com um intenso comércio, estações de trem e rodoviária que ligam o município a muitos lugares do estado do Rio e até para outros estados do Brasil. São Bento é um bairro residencial, com muitas casas e abundante vegetação natural, sendo um espaço que contém uma Área de Proteção Ambiental, a APA São Bento, criada em 1997 e a primeira localizada na Baixada Fluminense.

A APA possui 1.033,42 hectares que se estendem da avenida Presidente Kennedy até a Baía de Guanabara, com vegetação remanescente de Mata Atlântica. Por esse motivo, os moradores do bairro participantes de projetos do museu, ao serem entrevistados, afirmavam que a visão que tinham do bairro, antes de conhecerem o museu, era a de que “ali não tinha nada, só mato”. Porém, ao andar pelas ruas do bairro, além das casas e dessa vegetação natural, também é possível observarmos alguns prédios históricos, construídos



tanto com uma arquitetura colonial quanto com uma arquitetura mais recente, do século XX.

É dentro desse espaço que se encontra o Museu Vivo do São Bento, que se afirma como um “museu de percurso” (RIVIÈRE, 1985). Em sua lei de criação é dito que ele também pode ser apresentado como um “ecomuseu” ou “museu de território”, e, em muitos momentos, é realmente dessa forma que ele é reconhecido. Porém, para facilitar a compreensão do espaço, irei apresentá-lo neste trabalho como um “museu de percurso”.

Tal modalidade de museu chama-se assim por não ser fechada a um prédio e, sim, contar com uma visita guiada pelo bairro do São Bento, passando por pontos históricos. Ele é reconhecido como um museu que dialoga com a comunidade local e que pode ser visto como um agente de transformação da realidade social, trabalhando para fomentar nos moradores da região um sentimento de “construtores de sua própria história”, como é apresentado pelos diretores da instituição.

O museu conta com uma direção executiva formada por professores da rede pública municipal com matrícula no Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias (CRPH), com exceção de Marlúcia Souza, que está no museu desde a sua criação e é da rede pública estadual. Além dela, também fazem parte do corpo dirigente os seguintes professores: Antônio Augusto Braz (também presente desde a criação do museu), Arilson Mendes Sá, Aurelina de Jesus Cruz Carias, Flavia Andreia Paes Leite, Nielson Rosa Bezerra (especialista em escravidão na Baixada e ex-aluno da Marlúcia Souza na graduação), Paulo Pedro da Silva (também ex-aluno de Marlúcia na graduação) e Risonete Martiniano de Nogueira. São todos professores militantes de Duque de Caxias, sendo alguns deles, como Antônio Augusto e Marlúcia Souza, muito reconhecidos nesse âmbito pela constância de suas lutas dentro de sindicatos da educação, por exemplo.

A ligação do museu com a militância é central desde os primeiros trabalhos que resultaram em sua criação, pois esses professores estavam pesquisando a história de Duque de Caxias e eram próximos do Sindicato dos Professores daquela cidade. Eles militavam, especialmente, pela educação e pelo direito à memória, inclusive alguns deles

já haviam sido diretores do sindicato, como a Marlúcia Souza e o Alexandre Marques e a Marisa Gonzaga, que não são diretores, mas foram professores presentes no início do museu.

Esse movimento em busca da história local gerou pesquisas de campo para que pudessem conhecer mais sobre o lugar que pertencem, bem como uma luta para o registro e salvaguarda dessa história. Esses foram os primeiros passos para a descoberta do local que viria a ser o que hoje conhecemos como Museu Vivo do São Bento.

Os trabalhos consistiam em saídas de ônibus com professores e alunos que iam fazer sua pesquisa diretamente no território. O “caminho do ouro”, por exemplo, pesquisava a história do ouro pela Baixada Fluminense e, nesse caminho, os professores passavam por Nova Iguaçu, Caxias e Magé, todas cidades da Baixada Fluminense.

A construção do museu, em um primeiro momento, não foi intencional. A intenção inicial era apenas pesquisar a história de Duque de Caxias. A rede de professores de escolas públicas, os militantes, os diretores de sindicato, pessoas de associações de moradores, todos eles, contudo, estavam juntos nessa pré-criação do museu ao reivindicarem o direito à memória e ao patrimônio. Os desdobramentos dessas pesquisas é que acabaram acarretando o desenvolvimento de um museu.

As pesquisas pela cidade de Duque de Caxias, especialmente pela região do bairro do São Bento, eram realizadas desde os anos de 1990, mas esses pesquisadores ainda contavam com a falta de um espaço estruturado para armazenar essas informações de forma adequada, sentindo assim a necessidade da criação de um Centro de Memória. Então, a partir da reivindicação da criação desse centro, o museu passa a ser pensado de forma estrutural.

Ele nasce na reunião anual do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE), em 2004, dentro da pauta de solicitação e de negociação, onde os professores Antônio Augusto Braz, Marlúcia Santos Souza e Marisa Gonzaga apresentam primeiramente a solicitação para a criação de dois centros, o Centro da Memória e Educação (CPMED) e o Centro de Referência Patrimonial e Histórico (CRPH) à



Secretaria de Educação. Essa solicitação foi aprovada por unanimidade na assembleia de professores.

Depois de muitas reuniões ocorre, em 2005, os dois decretos para a criação dos centros e a determinação de que três professores realocassem suas matrículas para cada um deles. Atualmente, cada professor tem uma matrícula realocada no MVSB, tendo assim uma carga horária de dois dias no museu, com exceção da Flavia Andreia, que tem duas matrículas.

O centro de referência teria como missões a criação, consolidação e ampliação, de forma mais organizativa e estrutural, do Museu Vivo do São Bento. Na lei de criação do MVSB, em 03 de novembro de 2008, fica então instituído, no artigo sétimo, que “O Museu Vivo do São Bento será coordenado pelo Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e pelo Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, que se encarregarão da coordenação e do seu funcionamento” (DUQUE DE CAXIAS, 2008).

O percurso e a sede do museu

As construções presentes no percurso do MVSB, incluindo a Igreja Nossa Senhora do Pilar (localizada no bairro do Pilar), são as mais antigas da cidade, com datações dos séculos XVI, XVII e XVIII. Nessa visita, o guia para e narra a história do bairro através dos referentes pontos. Para conhecer o museu é preciso, portanto, fazer um agendamento, e no dia e horário marcados um guia (majoritariamente Nielson Bezerra, Paulo Pedro ou Rosenilda da Silva) leva o visitante pelos dez pontos de referência que constituem o complexo museológico (como é denominado na sua lei de criação) e conta a história local. Com as paradas e suas respectivas narrações, a visita completa dura cerca de duas horas.

Os pontos de referência (ou “lugares de memória”, como diz a lei de criação) são:

I - Portal Inicial do percurso do Museu Vivo do São Bento - prédio colonial existente nas dependências da FEUDUC adaptado como Casa do Administrador do Núcleo Colonial São Bento;

II - Igreja Nossa Senhora do Rosário e Casarão Beneditino - sede da antiga Fazenda São Bento, tombados como Patrimônio Nacional pelo IPHAN;

III - Antiga Tulha da Fazenda São Bento e do Núcleo Colonial - edificação destinada para instalação do Espaço Cultural de Agregação Popular;

IV - Prédio da Fazenda São Bento, adaptado como Tulha, Posto Médico do Núcleo Colonial e Abrigo para Menores - recentemente destinado a abrigar um espaço museal da História e da Educação da Cidade de Duque de Caxias;

V - Prédio da Fazenda do São Bento adaptado como Escola Agrícola Nísia Vilela, escola do Núcleo Colonial - destinado como sede do Centro de Referência Patrimonial e Histórico do Município de Duque de Caxias e do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense, e como Arquivo Público Municipal;

VI - Casa do Colono - casa de colono do núcleo que guarda os modos viventes do trabalhador rural no pós-1930, destinada à instalação de um espaço museológico que restitui o ambiente interno da vida cotidiana do colono;

VII - Sambaqui do São Bento - sítio arqueológico que guarda os vestígios das ocupações humanas pré-cabralianas nas cercanias da Guanabara, destinado à instalação do Museu dos Povos das Conchas;

VIII - Casarão do Centro Pan-americano de Febre Aftosa instituído no território do Grande São Bento na segunda Era Vargas;

IX - Elevação conhecida como Morro da Escadaria ou da Marinha - destinada como mirante do Grande São Bento e como espaço de reserva ambiental;

X - Novo São Bento - ocupação organizada pelo movimento social no início dos anos 1990, espaço privilegiado para as ações de educação patrimonial e cultural (DUQUE DE CAXIAS, 2008).

A distância entre um ponto e outro é grande, uma vez que eles estão localizados em diferentes ruas e áreas do bairro. Sendo assim, a visita é feita com o auxílio de algum transporte, pois caminhar por todo o percurso torna-se cansativo para o visitante e inviável para o guia, que precisa fazer esse trajeto várias vezes por semana. Quando há agendamento escolar, a visita é feita com o próprio transporte usado pelo grupo para chegar até o museu, que na maior parte das vezes é um ônibus. No ponto do Sambaqui, que é de difícil acesso por estar localizado em uma rua estreita, esse ônibus precisa ser estacionado na esquina da rua, com os visitantes precisando caminhar até o local.

Quando é outro tipo de grupo, proveniente na maior parte das vezes de eventos, ele tende a ser formado por menos pessoas, sendo possível aos diretores utilizarem seus próprios carros pessoais como o meio de transporte para realizar a visita guiada.

A falta de transporte dificulta uma intensificação de visita guiada com os moradores locais, justamente pela distância entre os pontos. A vontade que os guias manifestam de terem um transporte está atrelada ao desejo de ampliar o acesso dos moradores ao museu. Quando pessoas locais vão até o museu com o intuito de fazer uma visitação, os guias os agrupam com algum agendamento para não fazerem o percurso apenas com duas ou três pessoas por vez.

Algo que facilitaria o acesso dos moradores a esse percurso, de forma plena, seria uma sinalização dos pontos de referência. Os diretores planejam essa sinalização de forma que qualquer pessoa, ao caminhar pelo bairro fazendo esse percurso, possa fazer essa leitura histórica do território.

Figura 03 - Casa do Administrador do Núcleo Colonial São Bento



Fonte: acervo do site Museu Vivo do São Bento

Figura 04 - Casa de Vivenda da Fazenda São Bento do Iguaçu e Capela Nossa Senhora do Rosário e Homens de Cor



Fonte: acervo do site Museu Vivo do São Bento



Figura 05 – Tulha principal



Fonte: acervo do site Museu Vivo do São Bento

De acordo com a lei de criação do museu, o município cede o espaço da antiga Tulha da Fazenda do São Bento e do Núcleo Colonial, que está localizado na estrada Benjamin Rocha Júnior, nº. 465, no São Bento, para que o museu crie um Espaço de Agregação Popular, que seria um “trabalho com jovens do município oferecendo cursos de cinema, de teatro, de produção de cerâmica e de produção artesanal para alimentar o trabalho do Museu Vivo do São Bento” (DUQUE DE CAXIAS, 2008).

Entretanto, os planos para a antiga Tulha da Fazenda do São Bento são um desafio desde a criação do museu, por ser um espaço ocupado pela fábrica de manilhas da prefeitura, que não mudou de espaço e permanece lá até os dias atuais, impossibilitando assim que os planos do museu sejam colocados em prática. Além disso, a condição estrutural de um dos armazéns, o maior, é complicada, já que uma das tulhas e o telhado desabaram. Nesse sentido, o esforço do museu é para que a Secretaria de Obras se atente a essas questões e resolva, junto à prefeitura, os problemas da edificação.

Figura 06 – Caminho até o Sambaqui



Fonte: acervo do Museu Vivo do São Bento

Figura 07 - Terreno do Sambaqui



Fonte: acervo do Museu Vivo do São Bento



Figura 08 - Entrada do Sambaqui



Fonte: acervo do site Museu Vivo do São Bento

O Sambaqui do São Bento fica localizado na rua Francisco de Mello, nº 12, e faz esquina com a rua Fabiano de Castro, sendo denominada topograficamente pelo INCRA como DU-11 no São Bento.

A história do sambaqui com o museu é interessante: uma aluna da Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC) chamada Marcelle da Costa Mandarino viu o terreno onde se encontra o sambaqui¹, com vestígios de conchas, ao participar de uma aula de educação física em um sábado de manhã. Ao ver o terreno, ela se lembrou da aula de arqueologia que havia tido sobre o povo sambaquiano, dada pelo Laboratório de Arqueologia Brasileira (LAB), ligado ao Departamento de História da faculdade. Por associar o terreno ao povo sambaquiano, Marcelle foi conversar com seus professores, fazendo assim eles descobrirem que havia vestígios desse povo no bairro do São Bento.

Apesar de o sambaqui ter sido redescoberto pela população local e incorporado ao percurso do museu em 2008, ele já havia sido registrado no IPHAN nos anos 1940.

¹ Sambaquis, ou concheiros, são depósitos construídos pelo homem, constituídos por materiais orgânicos e calcários que, empilhados ao longo do tempo, vêm sofrendo a ação das intempéries. Essas enormes montanhas foram erguidas em baías, praias ou na foz de grandes rios por povos que habitaram o litoral do Brasil na Pré-História.

Contudo, não houve nenhuma ação por parte do Instituto após esse registro, e mesmo ele sendo um terreno público, ocupações começaram a acontecer ali. O terreno específico avistado pela aluna ainda não havia sido ocupado, mas ao seu redor já havia construções.

Para que essas construções não avançassem, os professores, junto ao sindicato de que fazem parte, iniciaram um movimento que ficou conhecido como o “S.O.S Sambaqui”, que tinha como finalidade arrecadar uma quantia que fosse suficiente para a compra de uma parte do terreno para que ele não fosse mais ocupado. Com muito esforço, através dessa campanha os professores conseguiram arrecadar R\$ 11 mil reais em doações e fizeram a compra do terreno. Foram recebidos donativos tanto de professores quanto de alunos e demais pessoas que se solidarizaram com a causa. Essa ação pela salvaguarda do sambaqui do São Bento demonstra a relevância da mobilização social local para a vida de um patrimônio tombado.

Em 2010 ocorreu a escavação do sambaqui pela equipe técnica do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) junto ao IPHAN. Em 2011, eles cercaram o terreno arrematado, colocaram um portão na entrada e construíram uma cobertura para protegê-lo da chuva e do sol. Essas melhorias, orçadas no valor de R\$ 100 mil reais, só foram possíveis graças ao projeto aprovado em um edital da Secretaria Estadual de Cultura do Rio.

Essas modificações, entretanto, foram consideradas básicas. A ideia era conseguir um investimento para fazer melhorias na estrutura, tal como a construção de um muro mais adequado e uma sustentação na encosta e a instalação de uma sinalização como ação educacional no espaço, de modo que ele pudesse ter uma ambientação adequada de “sítio escola”, além de um maior trabalho na escavação do terreno para avançar nas pesquisas acerca dele.

Figura 09 – Cartaz do MVSB



Fonte: a autora

A sede do museu, como consta nos pontos de referência e já foi apresentado anteriormente, encontra-se no prédio da antiga Escola Agrícola Nísia Vilela, na estrada Benjamim Rocha Junior s/n, São Bento. Apesar de ser um “museu de percurso” a importância de um prédio para a sede é vital para o seu funcionamento.

Figura 10 - Sede Administrativa vista de cima



Fonte: acervo do site Museu Vivo do São Bento

O prédio já havia sido um armazém de cooperativas na época do Núcleo Colonial. Posteriormente, virou a escola agrícola do Núcleo Colonial e então foi municipalizada. Por descuido da prefeitura ele entrou em ruínas tendo sido construído um novo prédio para manter a escola, deixando a antiga edificação abandonada. Os diretores do museu achavam que seria importante retomar esse prédio e recuperá-lo, porque, ao mesmo tempo em que ele era um patrimônio do percurso, ele também poderia servir como uma sede para eles.

Figura 11 - Área externa



Fonte: a autora

O terreno do prédio é constituído por um espaço aberto e uma edificação. No espaço aberto há um coreto (figuras 12 e 13) que é utilizado para diferentes atividades, tais como capoeira, por exemplo. Quando a sala principal já está ocupada com algum grupo ou evento, é esse coreto que serve como ponto de encontro para as reuniões do Programa Jovens Agentes do Patrimônio, projeto que trabalha categorias como história, patrimônio e memória com os jovens do bairro, apresentando-se como um local espaçoso o suficiente para acolher os adolescentes.

Figuras 12 e 13 – Atividades no Coreto



Fonte: a autora

Figura 14 – Pátio interno



Fonte: a autora

No centro do prédio está, aos fundos, o pátio coberto, e na parte frontal a Sala Marisa Gonzaga, a principal sala da sede. É nele que acontecem os encontros de alguns projetos, as oficinas, cursos de extensão e os eventos de prestação de contas. É também ali que são recebidos os grupos que agendaram a visita guiada para lhes darem as boas-vindas e ser explicado como o museu funciona, entre outras coisas. Além disso, é essa sala que abriga as exposições temporárias que foram constantes a partir do ano de 2019.

Figura 15 - Sala Marisa Gonzaga com atividade doPJAP



Fonte: a autora

Contudo, essas exposições nem sempre foram recorrentes, antes delas a sala Marisa Gonzaga abrigava uma exposição fixa com o acervo do museu. Essa exposição era formada, em sua maioria, por artes visuais que retratavam o território da Baixada Fluminense, como as obras "Sede Administrativa do Museu Vivo do São Bento", "Casarão da Fazenda Iguaçu", "Ruínas da Igreja Santa Rita em Xerém", "Paisagens de Xerém" e a "Igreja Nossa Senhora do Pilar".

No período em que a sala abrigava a exposição fixa ela também contava com um espaço reservado para o acervo indígena, denominado "No Tempo das Conchas e da Jacutinga". Esse espaço surgiu a partir da ideia de se voltar para o passado, olhando para as heranças deixadas por aqueles que haviam passado há anos pelo território do São Bento. Esse olhar para as heranças do bairro é algo visto desde o surgimento do museu com a sua luta pela salvaguarda do Sambaqui do São Bento, por exemplo. A apresentação da exposição no *website* do MVSb diz que

compreendemos o Tempo das Conchas como o tempo dos primeiros habitantes do litoral e das Cercanias da Guanabara. Eles eram caçadores, pescadores e coletores (...). O Tempo da Jacutinga compreende o tempo dos povos agricultores e ceramistas, viventes no entorno da Baía da Guanabara. Eram Tupis e, no Rio de Janeiro, receberam a denominação de Tupinambás (...). Encontramos registros da presença da Aldeia Jacutinga e da Aldeia Sarapuú no território do atual município de Duque de Caxias.

(...) é, portanto, um caminho para nos conectarmos com essa memória fóssil e com os povos indígenas viventes no Brasil de hoje. Traçarmos caminhos de solidariedade e conhecimento do outro².

Essas seriam algumas das edificações presentes no percurso do museu e os possíveis usos de algumas das salas da sede, que conta também com a sala de trabalho dos diretores e a sala do arquivo, por exemplo.

Considerações finais

Através do esforço de professores da rede pública ao lutarem por espaços de salvaguarda da memória e do patrimônio cultural local acontece a criação do primeiro museu de percurso da Baixada Fluminense, uma região categorizada como violenta dentro do estado do Rio de Janeiro, mas que tem sua história e cultura sendo apresentadas em espaços como o Museu Vivo do São Bento.

Esse foi um resumo da história de criação do MVSB e uma breve apresentação de seu percurso e seus espaços de atuação. O museu conta com diferentes projetos, como o

² Disponível em: <<https://www.museuvivodosabento.com.br/exposicoes/no-tempo-das-conchas-e-da-jacutinga>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Jovens Agentes do Patrimônio, já citado anteriormente, e o Mulheres Artesãs, que trabalha memória e artesanato com mulheres do bairro.

Além disso, a sede do museu ganha vida com suas exposições temporárias que trabalham com artistas locais, desde fotógrafo até artista plástico, mostrando para os visitantes da região que tanto o bairro do São Bento, quanto a cidade de Duque de Caxias, até a Baixada Fluminense produzem arte e tem artistas.

Equipamentos culturais como esse museu ainda não são facilmente encontrados por Duque de Caxias, colocando o Museu Vivo do São Bento como uma chave central para a pesquisa, a guarda e a comunicação da história desse território, inclusive como um ator importante para compartilhar com outros professores e articuladores da região como fazer o mesmo, para que outros municípios da Baixada Fluminense também registrem e comuniquem suas histórias, por vezes não apresentadas nos grandes museus do estado.

Expor a memória e o patrimônio locais em bairros como o São Bento é trabalhar a identidade dos moradores, auxiliando-lhes a tomarem consciência de que são construtores de sua própria história.

Referências

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Patrimônio e memória: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010 [2003].

_____; SEPULVEDA, Myrian (Orgs.). **Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Iphan/ Garamond. 2007.

CARIAS, Aurelina de Jesus Cruz; SOUZA, Marlúcia Santos de; NOGUEIRA, Risonete Martiniano. As pegadas inventadas pelo Museu Vivo do São Bento na Baixada Fluminense. In: SOARES, Bruno Brulon (Ed.). **Descolonizando a Museologia**. Paris: ICOM/ICOFOM, p. 160-175, 2020.

CHAGAS, Mario Souza. Patrimônio é o caminho das formigas. In: CASTRO, Maurício Barros de; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). **Relações Raciais e Políticas de Patrimônio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, p. 141-166, 2016.

- _____.; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do Ceom** - Museologia Social, ano 27, n. 41, p. 9-22, 2014.
- DUQUE DE CAXIAS. **Lei nº 2224**, de 03 de novembro de 2008. Institui a criação do museu de percurso no município de Duque de Caxias com a denominação de Museu Vivo do São Bento. Duque de Caxias: Câmara Municipal. Disponível em: <https://www.cmdc.rj.gov.br/?p=1005>. Acesso em: 10ago. 2022.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos**. Brasília: IBRAM, 2007.
- _____. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: ABA Publicações, p. 59-74, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- ICOM. **Mesa Redonda de Santiago do Chile**, 1972. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>. Acesso em: 10ago. 2022.
- MARQUES, Alexandre dos Santos. Centro de Memória - Caminhos e Descaminhos na Produção da História da Baixada Fluminense. **Revista Pilares da História**, Duque de Caxias, ano 1, n. 1, p. 79-94, out./ nov./ dez., 2002.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), 2011.
- POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RIVIÈRE, Georges Henri. Definição evolutiva del ecomuseo. In: **Revista Museum. Imágenes del ecomuseo**. Paris: UNESCO, v. XXXVII, n. 148, p.182-183, 1985.
- SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o Passado da Cidade: História Política da Cidade de Duque de Caxias**, Nitéroí, 2014.